

# A Linguagem Cinematográfica e a (Des) “Construção” da Identidade do Professor<sup>1</sup>

Marcos Augusto Marques Ataídes

Arlete Mendes da Silva

As profissões que tem em seu campo de atuação o objetivo de servir à comunidade (médicos, policiais, professores entre outros) são, constantemente, retratadas nas telas de cinema. O fascínio que tais atividades exercem no imaginário coletivo é um ‘arsenal’ nas mãos de roteiristas e diretores no cinema nacional e mundial. Este é um dado que nos permite perceber a importância dessas profissões no contexto social nos níveis locais, regionais, nacionais e internacionais.

São representações que ajudam os expectadores a ‘construir’ e ‘identificar’ *identidades* no ideário de uma coletividade homogênea ou não. Essas *identidades são criadas* a partir de uma conjuntura ficcional/realista. Ora baseada em ‘fatos reais’, ora fruto da ‘inspiração’ (ou direcionamento ideológico) do artista e do *status quo* vigente. Sem adentrar profundamente por essa seara político-ideológica das montagens cinematográficas tem-se, nesse relato de experiência, o seguinte objetivo: analisar a *construção da identidade do professor* numa ‘figuração cinematográfica’ em três espaços geográficos (países), (México, Brasil e Estados-Unidos, respectivamente) com conjunturas sociais, econômicas, culturais e políticas bastante diferenciadas.

O enfoque é similar – o professor e sua representatividade social. Esta profissão, PROFESSOR, é mostrada por meio de três filmes escolhidos e trabalhados nas turmas de licenciatura em Geografia como instrumento metodológico para a reflexão e entendimento da profissão do professor nas aulas de Estágio e Prática de Ensino.

A utilização de filmes como instrumento de ensino aprendizagem, tem o objetivo maior de desenvolver uma análise mais crítica a respeito do cinema e de suas produções que possui grande alcance social e político. Assim, desenvolver uma forma de ‘assistência crítica’ torna-se essencial para utilização do filme como um dos procedimentos metodológicos didáticos no qual o professor pode utilizar em sua prática cotidiana.

---

<sup>1</sup> Relato de experiência com a turma da terceira série de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG na disciplina Estágio e Prática de Ensino.

Assistência crítica é aquela que ultrapassa a percepção do filme como algo dado e auto-suficiente, ou seja, que não se limita a perceber seu universo ficcional, mas também busca seus fundamentos e seu significado social e histórico. Em outras palavras, a assistência crítica significa decodificação e entendimento do filme em sua lógica própria, ou seja, seu universo ficcional, mas não se limita a isso, pois além de compreender a trama e a mensagem central ligada a ela, também questiona, colocando em questão, os valores, concepções, sentimentos, emoções presentes (manifestações em um filme) e, ainda, questiona suas origens e consequências sociais. No caso, o interesse não o prazer de assistir, mas, junto dele, quando ele ocorre, o compromisso com a transformação social (VIANA, 2009, p. 24-25).

O temário desses filmes, geralmente, é norteado por práticas profissionais de professores que, em três países com tempos e espaços diferentes, vivenciam nas suas relações de trabalho a lógica do capitalismo em relação à educação, e o papel que o professor desempenha nesse processo. As produções selecionadas e inseridas como conteúdo nas aulas presenciais de Estágio e Prática de Ensino seguiram os seguintes critérios de escolha: *o profissional da docência, os diferentes contextos socioeducacionais e a responsabilidade social do professor*.

Essas situações são evidenciadas nos três filmes trabalhados que contribuem para com uma boa interpretação pedagógica por parte dos discentes do Curso de Geografia. Também, concorrem com reflexões frutíferas sobre a formação do profissional da educação em meio às questões éticas, morais, político-sociais e culturais no exercício do magistério.

Em nossa experiência, o instrumento metodológico ‘produção cinematográfica sobre a profissão do professor’ contribuiu com as discussões teóricas e metodológicas sobre o ensino e a postura do educador frente à atual conjuntura socioeconômica e política na pós-modernidade.

O trabalho foi desenvolvido com os acadêmicos do 3º ano de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG em Anápolis – GO. A atividade proporcionou aos alunos um “exercício de reflexão” e de ‘solução de problemas’ à medida que se colocavam ‘no lugar’ daquele profissional numa ideia de alteridade.

Em nossa prática metodológica, buscamos pela *percepção da profissão* e a busca de *estratégia para resolução de problemas* no ambiente escolar. Utilizou-se dinâmicas aplicadas para que os discentes pudessem desenvolver senso crítico na produção de textos explicativos, argumentativos e dissertativos buscando a compreensão e o modo de atuação do profissional professor. Também, procurou-se, nesse trabalho, observar e

identificar como essa filmografia e a categoria profissional são ‘apresentados’ e ‘utilizados’ pela mídia no favorecimento de conceitos e ideologias políticas e de Estado, muito comum no cinema atual.

É a ficção promovendo uma *leitura de mundo* e de *re-significações sociais* que acabam por construir ‘imaginários sociais’ e posturas políticas e ideológicas no seu público assistente. Não obstante, quando bem utilizadas, concorrem como um método eficiente no ensino e na formação do profissional da educação.

A metodologia utilizada para desenvolver essa atividade acadêmica teve como pressuposto teórico a *práxis* docente como elemento de análise da realidade; utilizou-se de conceitos e de temas com enfoque na construção social da *identidade do professor* no seu espaço de vivência e atuação profissional; analisou-se a *contextualização capitalista* inserida na realidade escolar e sua re-criação e/ou re-produção ideológica; foi proposta a leitura, interpretação e análises de textos, numa perspectiva marxista, que dimensionasse a questão do *trabalho como categoria de análise* na qual também se constrói a profissão de professor.

Os procedimentos metodológicos no desenvolvimento desse trabalho foram, seguidamente: fase de diagnóstico do ‘saber’ do aluno sobre a profissão professor e do ambiente escolar; levantamento das impressões e percepções do aluno frente a realidade política (e capitalista) no gerenciamento das instituições de ensino das redes públicas e privadas e seu sistema de ensino e, por fim, a análise de textos e dos filmes previamente escolhidos para essa atividade.

O amparo teórico que obtivemos baseou-se em autores como Paro (2000), Apple (2003), Silva Júnior (1990), Viana (2009), Rossi (1986) entre outros estudiosos do assunto.

O filme utilizado em nosso trabalho no contexto mexicano foi “Granito de Arena - Pequeno grão de areia” (México, 2005), documentário com duração de cinquenta e nove minutos que retrata a história da organização e luta dos professores em defesa da escola pública e por melhores condições de vida e preservação da *identidade cultural das comunidades indígenas mexicanas*. A partir da mobilização dos trabalhadores do ensino, dos estudantes e de seus familiares contra a destruição da Escola Normal Rural MACTUMACTZA – localizada em Tuxtla Gutierrez, Chiapas – México, por causa dos acordos entre o governo mexicano e o banco mundial, que exigiu a semi-privatizações dessas escolas, travou-se uma luta ferrenha entre esses atores sociais em defesa da

educação livre e gratuita.

O objetivo da exibição desse documentário teve como finalidade relacionar a dimensão política do trabalho do professor e a sua importância social dentro do contexto da sociedade capitalista. A demanda social pela educação tem nos professores os seus mais ferozes defensores contrapondo o Estado, em uma luta dialética que mostra a todo instante a luta de classe presente nessa sociedade moderna (ou contemporânea).

A resistência que os professores mexicanos apresentaram no confronto com o governo gerou um processo de resistência social que contagiou todos trabalhadores da cidade. Esse fato contribuiu para a queda do governador da província e a tomada da cidade pelos manifestantes, formando a primeira comuna do século XXI.

A greve dos trabalhadores da educação converteu-se na mais importante revolta popular do México desde o levante de Chiapas de 1994. E, em vários aspectos assumiu um conteúdo bem mais profundo que o movimento zapatista. A Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO), órgão amplo, democrático, comunal, estendeu-se a vários municípios funcionando como embrião de poder popular, com apoio maciço e mobilizado dos trabalhadores e povo pobre da região. O combate foi mantido meses a fio, clamou pela derrubada do poder político local, funcionando, ao mesmo tempo, como uma espécie de poder de Estado popular paralelo (DANTAS, 2008, p. 7).

A interlocução entre o filme e o livro de Silva Junior (1990), que dimensiona a realidade do trabalho na sociedade capitalista, localizando essas relações no interior da escola, permitiram que os discentes percebessem o papel social que o professor desempenha numa sociedade capitalista.

Interessante observar que vários discentes no final do filme, através de um questionamento presente no roteiro, afirmavam que os professores no México eram mais combativos que no Brasil. Essa afirmação criou uma polêmica que mostra a falta de conhecimento por boa parte dos acadêmicos de licenciatura que desconhecem o papel social do professor no Brasil bem como de suas lutas sociais.

Outro ponto de debate em relação a esse filme e o papel dos meios de comunicação tradicionais (redes de tv, jornais etc...) e a internet. Muitos alunos afirmaram que os meios de comunicação tradicionais escondiam esses fatos por causa dos interesses financeiros que sustentam esses meios. Como foi sugerido uma pesquisa na internet a respeito desse fato, poucas foram as fontes apresentadas para o debate, mostrando que mesmo na internet a lógica de contra-informação é a mesma dos meios tradicionais de comunicação/informação de massa.

O segundo filme trabalhado “Pro Dia Nascer Feliz” (Brasil, 2006) foi um documentário brasileiro de oitenta e oito minutos que fala sobre as diferentes situações pelas quais passam adolescentes de 14 a 17 anos nas escolas brasileiras.

Num contexto socioeconômico diferente, mas, parecido quando se trata do espaço escolar, ricos e pobres enfrentam precariedades, preconceitos, violência e esperanças num misto de sentimentos e situações que expõe, controla, intimida, confronta e promove insegurança no ambiente da escola e, às vezes, para além dos seus muros.

Dessa forma o objetivo do filme era mostrar a realidade da escola pública a partir da visão dos alunos e alunas que se tornam os atores sociais principais e a situação dos professores nesse contexto, como atores coadjuvantes na realidade mostrada.

Nessa produção cinematográfica foram ouvidos alunos de escolas periféricas de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, além de alunos de dois renomados colégios particulares, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro.

A “realidade” da escola brasileira é representada de uma forma que mostra o trabalho do professor, principalmente na rede pública, como algo extremamente burocrático, cansativo, desmotivador e apático.

Percebe-se que a *intencionalidade* contida no filme é mostrar uma educação caótica no ensino público brasileiro, típico das reportagens que tratam do tema professor como um ‘coitado’ sem grandes expectativas e também como um dos responsáveis dessa realidade. Os alunos, por sua vez, são colocados em visões particulares e individualistas.

A partir desses pontos de observação, o roteiro que pedimos para os alunos seguirem dava conta de abarcar essas questões ideológicas e implícitas nas mensagens e informações contidas nos filmes. Esse exercício permitiu que o acadêmico relatasse as concepções teóricas assistidas no filme, bem como suas experiências em instituições de ensino citando algumas ‘ideias’/conceitos/concepções/ideologias que traziam em sua carreira estudantil; isso contribuiu para o entendimento da “realidade” dessas escolas formadoras (ou deformadoras?) na educação básica.

O texto de Rossi (1986), a respeito da *meritocracia no capitalismo*, serviu de fundamento para a análise da dualidade entre a escola de rico e a escola de pobre. Isto contribuiu para a desmistificação da questão do acesso social pela educação tão propagado nas políticas públicas presentes nos discursos governamentais e presentes no

documentário.

Diferenças na estrutura interna de cada escola e no conteúdo do ensino ministrado refletem as diferenças na composição social de seus corpos discentes. Reforçando essa situação, que privilegia os indivíduos das classes mais ricas, o fato mesmo de permanecerem mais tempo na escola faz com que eles se beneficiem mais do que os mais pobres dos fundos públicos que sustentam a escola pública. (...) Como o acesso à Universidade pública é em grande parte reservado aos estudantes oriundos das camadas médias e ricas da sociedade, mercê dos critérios de inclusão-exclusão que, mediante razões sociais e acadêmicas, tendem a eliminar o estudante pobre observar-se agravamento da discriminação contra a criança de classe trabalhadora, que recebe escolarização custeada pelo governo, nos níveis mais baixos (e menos custosos), enquanto os que mais têm, recebem a educação mais cara, subsidiada ou inteiramente sustentada pelos fundos públicos (ROSSI, 1986, p. 73).

O terceiro filme, “Escritores da Liberdade” (Estados Unidos, 2007) produção norte-americana/alemã com duração de cento e vinte e três minutos mostra, por meio de um drama, a realidade de uma professora norte-americana que luta sozinha contra um sistema educacional que tem na exclusão das classes trabalhadoras sua prática cotidiana. O objetivo dessa atividade a partir do filme era incitar os alunos a perceberem as possibilidades e limites da prática pedagógica do professor na sociedade capitalista.

A personagem da atriz Hilary Swank, iniciante na profissão de ensinar, tenta inspirar seus ‘alunos problemáticos’ a aprender algo a mais sobre tolerância, valorização humana, auto-estima, investimento nos sonhos e projetos futuros dos alunos, além da continuação dos estudos destes após o término da educação básica. A professora é constantemente confrontada por seus colegas de magistério e por grupos de *gangs* em sala de aula e fora dela envolvidos numa perigosa forma ideológica de recrutamento dos alunos.

Nesse filme o professor e sua metodologia são a solução para os problemas educacionais, típico da visão norte-americana a respeito da profissão do professor, que reafirma o individualismo idealista no qual não precisa ‘derrubar’/‘modificar’ o sistema. Bastando, para isso, transformá-lo com atitudes altruístas individuais que conduzem ao padrão de ‘bom cidadão’. Não se questiona o governo e sua forma de atuação. Esse tipo de filme ajuda a propagar a ideologia que a educação é a salvação da sociedade e não um instrumento que perpetua as relações de discriminação, ainda mais se tratando de um país capitalista com diferenças econômicas e sociais exorbitantes.

Para Apple (2003), autor que serviu de contraponto na análise do filme, a

realidade do sistema americano atual tem no controle cada vez mais intenso da metodologia do professor que só se justifica se alcançar resultados nos testes que o governo aplica. Essa perspectiva educacional tem sido aplicada no Brasil com os exames em todos os níveis de educação, que tem como principal objetivo criar uma lista das melhores e piores instituições de ensino.

(...) A ideia de um Estado forte também é visível no crescimento da regulamentação estatal no que diz respeito aos professores. Tem havido uma guinada cada vez maior da “autonomia permitida” para “autonomia regulamentada”, à medida que o trabalho dos professores torna-se extremamente padronizado, racionalizado e “policiado”. Sob condições de autonomia permitida, os professores já tiveram um dia o atestado profissional de que são basicamente livres - sem limites - para atuar em suas salas de aulas de acordo com sua própria capacidade de julgar as coisas. Em condições cada vez mais frequentes de autonomia regulada, os atos dos professores agora são sujeitos a um exame muito mais rigoroso em termos de processos e resultados. Na verdade, alguns estados dos Estados Unidos não só especificam o conteúdo que os professores devem ensinar, como também regulamentam os métodos apropriados para ensinar (APPLE, 2003, p. 62).

Nesse caso, o roteiro proposto sugeria que o aluno levantasse as diferentes metodologias utilizadas pela professora para alcançar seus objetivos pedagógicos e profissionais. Além disso, os alunos deveriam evidenciar os diversos tipos de práticas pedagógicas, seus procedimentos, seus resultados e as limitações político-sociais e educacionais da *práxis* docente no cenário da educação na atualidade.

A realização da tarefa de analisar *a linguagem cinematográfica e a (des) “construção” da identidade do Professor* revelou-se profícua no alcance dos objetivos propostos. A preparação, exposição, realização das atividades e a avaliação da série de filmes assistidos, permitiram que os acadêmicos apresentassem, por meio de conversas, debates e produções textuais, suas impressões, percepções, emoções e visões de mundo como futuros professores.

A exposição oral e escrita dos alunos demonstrou os conceitos e preconceitos adquiridos por intermédio da mídia que ‘manipula’ e cria imagens e *falsas identidades* na mente das pessoas produzindo arquétipos e/ou heróis criados a serviço de uma sociedade de classes que não desprezam o recurso das telecomunicações, com seus avançados aparatos técnicos e audiovisuais para re-criar ‘modelos’ a serem seguidos e/ou rejeitados, definidos *a priori*.

O uso de filmes como recurso didático deve ser cuidadosamente planejado e

executado de forma que a assistência seja crítica com reflexões e leituras que contribuem para esse processo. A título de exemplo da criticidade que se busca, nesse tipo de atividade, foi alcançada quando nossos alunos questionaram o motivo da passividade dos professores brasileiros em comparação aos mexicanos numa relevante luta pela união de vários segmentos sociais, principalmente os docentes.

Outras questões foram evocadas: por quê a mídia oficial não transmitiu e evidenciou o conflito no México com grande alcance social? Outros enfoques foram dados, como a situação caótica e a falta de motivação e medo dos recém-formados professores com relação à escola e à sala de aula.

Notamos que os alunos perceberam a importância do planejamento docente e o interesse aliado à capacidade que o professor tem de formar opinião, a intencionalidade do ensino e a posição que o professor assume. Desse modo, a cada filme trabalhado, importantes lições de vida e complexas situações no exercício da profissão docente foram percebidas e analisadas frente à situação socioeconômica e política de cada país, tomando como exemplo, a produção cinematográfica trabalhada.

Vale ressaltar que a dialética do debate através dos questionamentos foi essencial para a (re) construção de algumas ideias e conceitos preconcebidos, trazidos pelos acadêmicos em suas histórias de vida. Estes assumiram, naqueles momentos, uma postura mais firme e consciente da função de ensinar e da profissão de professor e o compromisso social embutido nela.

Enfim, os alunos puderam perceber, além das formulações e premissas teórico-metodológicas inseridas no processo de ensino, as importantes variáveis que transladam essa profissão. Ficou evidenciado que, no caso da sociedade brasileira, muitas vezes a mídia trata o *elemento professor* como um contestador sem objetivos claros e um pouco confuso em suas propostas de melhoria nas condições de trabalho e outras reivindicações semelhantes. É também pela mídia que se percebe o papel ideológico que ela transmite e as desinformações oficiais (ou oficiosas) a que prestam. Essa mesma mídia tenta impregnar e denegrir essa classe trabalhadora (os professores), como faz com tantas outras classes e movimentos sociais que, a serviço de uma reduzida “elite pagante” violenta e corrompe o processo de aquisição de conhecimento e de informações.

São contrastes e contrapontos que realçam a importante tarefa do professor em seu ato de ensinar que promove, socialmente, o aprendizado e que se configura como

uma profissão vinculada social e politicamente na vida diária de uma coletividade.

### Referências bibliográficas

APPLE, Michael W. Educando à direita. *Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2003.

DANTAS, Gilson. *México: Oaxaca, uma comuna do século XXI*. Brasília: Edições Centelhas Cultural, 2008.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA JÚNIOR, C. A. *A escola pública como local de trabalho*. São Paulo: Cortez, 1990.

VIANA, Nildo. *Como assistir um filme?*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

### Referências Cinematográficas

*Granito de Arena (Pequeno grão de areia)*. Jill Freidberg. México, 2005.

*Pro Dia Nascer Feliz*. **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Brasil, 2006

*Escritores da Liberdade (Freedom Writers)*. **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Alemanha / EUA, 2007.

### Marcos Augusto Marques Ataídes

Possui graduação em licenciatura plena em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (1996) e mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2005). Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás.

E-mail: [ataidesmarcos@gamil.com](mailto:ataidesmarcos@gamil.com)

### Arlete Mendes da Silva

Possui graduação em Geografia - Licenciatura Plena - pela Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (1992); especialista em Geografia Agro - Urbana pela Universidade Estadual de Anápolis - UNIANA (1995) e Mestrado em Geografia Humana e Cultural pela Universidade Federal de Goiás (2003) e Doutoranda em Geografia Humana e Cultural pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2010); professora titular da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis desde 1988 e Professora Titular no quadro efetivo da Universidade Estadual de Goiás - UEG, desde 2004.